

SIMÕES LOPES NETO: DUAS FORMAS DE SOLIDÃO NO PAMPA OITOCENTISTA

FRANCISCO TOPA*

Resumo: *Este trabalho aborda dois dos Contos gauchescos do autor sul-rio-grandense João Simões Lopes Neto, representativos de duas formas de solidão, ambas pertinentes e atuais: a involuntária e duradoura, que resulta de um fenómeno coletivo e que tem que ver com o ordenamento do território e com a idade; e uma outra, não necessariamente voluntária, em que estamos sozinhos momentaneamente e nos voltamos para nós mesmos, percebendo então que não estamos sós porque fazemos parte de um mundo que vai muito para além de nós, e acabamos por desenvolver uma forma superior de compreensão.*

Palavras-chave: *Solidão; João Simões Lopes Neto; Contos gauchescos.*

Abstract: *This paper deals with two of the Contos gauchescos by João Simões Lopes Neto from Rio Grande do Sul, representative of two forms of solitude, both pertinent and current: the involuntary and lasting, which results from a collective phenomenon and has to do with territorial planning and age; and another, not necessarily voluntary, in which we are momentarily alone and turn to ourselves, realizing then that we are not alone because we are part of a world that goes far beyond us, and we end up developing a superior form of understanding.*

Keywords: *Loneliness; John Simões Lopes Neto; Contos gauchescos.*

Por razões que não são fáceis de entender, o português é uma das línguas em que o conceito de solidão não está bem definido, ou pelo menos não é tão preciso quanto aquilo que se verifica noutros idiomas. Embora tenhamos, ao lado de *solidão*, outras palavras — como *soledade* e *solitude* —, não há forma de diferenciar, na linguagem comum, a solidão voluntária da involuntária, a *solitude* e a *loneliness* do inglês. A primeira resulta de uma escolha e está habitualmente associada à contemplação e ao pensamento, tendo assim uma conotação positiva, ao passo que a segunda, para além de não resultar da vontade do sujeito, vem ligada a um sentimento negativo relacionado com a ideia de rejeição.

Certamente para contornar parte deste problema, propôs Luandino Vieira em «Muadiê Gil, o sobral e o barril» (de *Velhas estórias*) uma nova palavra: *sozinhice*, isto é, a condição de estar sozinho, que não é exatamente o mesmo que estar só nem o mesmo que solidão (veja-se o camoniano «É um andar solitário entre a gente»). Vejamos o contexto em que ocorre o neologismo: «Muitas vezes uma telha só, bem no meio do madeiramento, na sua sozinhice triste era já alegria de fim, na hora da hora ser curta, não dar mais — verde ramo folhoso voando no cimo de tudo, patrão vem trazer o barril» (Vieira 1974,

* FLUP/CITCEM (UIDB/04059; DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

p. 24). A passagem entende-se melhor sabendo que está em causa um costume da época: o pagamento de um barril de vinho aos trabalhadores pela conclusão de uma obra de construção civil, de que a colocação de uma primeira telha era já o prenúncio.

Esta imprecisão da língua portuguesa alarga-se também a palavras conexas, como é o caso de *só*, que tanto pode ser adjetivo como advérbio, permitindo assim interessantes jogos poéticos como é o caso de «mulher de um homem só», de Angélica Freitas, de que cito apenas a primeira estrofe:

*lá vem a mulher
de um homem só
só pela rua deserta
em sua bicicleta
sem bagageiro* (Freitas 2021, p. 38).

É também de um brasileiro, igualmente gaúcho e quase desconhecido em Portugal, que agora pretendo falar: refiro-me a João Simões Lopes Neto, natural de Pelotas, que viveu entre 1865 e 1916. Apesar de se tratar de uma figura maior da literatura sul-rio-grandense, o autor é pouco conhecido no resto do Brasil (e por maioria de razão no exterior). Isso tem que ver, por um lado, com o facto de a sua obra ter sido associada ao regionalismo e, por outro, com a especificidade do seu vocabulário, que tende a afastar o leitor menos preparado. A parte mais significativa da sua obra consiste nos *Contos gauchescos*, de 1912, e nas *Lendas do Sul*, do ano seguinte, mas ultrapassa largamente a recolha de histórias de tradição popular. Como têm defendido ensaístas mais recentes, a obra de Lopes Neto não se resume à representação da paisagem natural e humana do pampa brasileiro: em vez disso, como escreve Luís Augusto Fischer, o autor soube criar

personagens impressionantes, homens desassombrados e mulheres determinadas, vivendo cenas de intensa força, que só ocorrem quando somos confrontados com os limites do que temos de mais humano, o amor, o desejo, a sobrevivência física, a luta pela domesticação da natureza, a guerra (Fischer em Lopes Neto 2013, p. 12).

Por esse motivo, outros críticos sublinham que o autor pelotense representa nos seus textos uma certa forma de universalismo, precursor de ficcionistas da dimensão de Guimarães Rosa, Roa Bastos, Carpentier, Rulfo ou Vargas Llosa. Creio que os dois contos que agora brevemente discutirei ilustram bem essa avaliação, embora a sua escolha tenha que ver com a presença neles do tema da solidão.

O primeiro tem por título «O mate do João Cardoso» e, sob a capa de um humor anedótico, ilustra um caso extremo de solidão involuntária. A propósito da demora da comida encomendada pelas personagens, o vaqueiro Blau Nunes conta ao seu jovem

companheiro de viagem a história do João Cardoso, «bom velho, muito estimado, mas chalrador como trinta e que dava um dente por dois dedos de prosa, e muito amigo de novidades» (Lopes Neto 2013, p. 114)¹. Numa região e numa época de baixo povoamento, de grandes propriedades e de grandes extensões de terra dedicadas ao pastoreio de gado bovino, as oportunidades de convívio com vizinhos seriam escassas. Além disso, num tempo em que «não havia jornais, e o que se ouvia e se contava ia de boca em boca, de ouvido para ouvido» (p. 114), o conhecimento do que se passava fora da estância de cada um era difícil. Essas circunstâncias e o facto de na região em causa o consumo do chá mate ser a base de uma forma generalizada de convívio tornam verosímil a anedota: João Cardoso convidava todos os que passavam perto da sua fazenda para entrar, descansar um pouco e «tomar um amargo» (p. 114). O problema surge quando o visitante percebe que fora enganado: a paragem revelava-se demasiado longa, o hospedeiro era «renitente como mosca de ramada» (p. 114) e o tempo passava sem que o mate fosse servido. Tratava-se afinal de uma estratégia para reter a visita e combater a solidão, através de uma conversa em que João Cardoso «falava, indagava, pedia as novas, dava as que sabia; ria-se, metia opiniões, aprovava umas cousas, ficava buzina² com outras...» (p. 115).

Um caso como este ilustra bem como a solidão não é problema exclusivo dos nossos dias nem dos meios urbanos: em espaços rurais de baixíssima densidade populacional, numa certa fase da vida das pessoas — a velhice —, ela ocorria também no passado. O conto tem, porém, um pormenor que importa discutir: o velho não vivia verdadeiramente sozinho, uma vez que dá ordens a alguém que trata apenas por «crioulo». Se dúvidas houvesse, o sentido da palavra é clarificado mais adiante, quando o narrador Blau se refere a esta personagem dizendo que «o carvão sumia-se largando sobre o paisano uma riscada do branco dos olhos» (p. 115). Trata-se, pois, de um negro e, apesar da sua cumplicidade com João Cardoso (o narrador fala em «crioulo já calejado e sabido», p. 115), com toda a certeza de um escravo, talvez um entre vários, aspeto que a narrativa não esclarece. Seja como for, é de notar que ele não conta como pessoa — o que não é de surpreender numa sociedade escravocrata —, e não conta também para «espantar a solidão» (para retomar o verso da canção «A gente não lê», de Rui Veloso).

O segundo conto apresenta-nos uma solidão de tipo diferente: por ser momentânea, por ser epifânica e pelo facto de se anular a si mesma. Trata-se de um dos textos mais apreciados de Lopes Neto, «Trezentas onças». Nele o habitual narrador Blau Nunes conta um episódio passado consigo, num tempo em que tropeava e numa ocasião em que «viajava de escoteiro³, com a guaiaca⁴ empanzinada de onças de ouro» (p. 83). O dinheiro «era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma

¹ A partir daqui as citações da obra virão identificadas apenas pelo número da página.

² Irritado (nota de Fisher).

³ Viajava sozinho, sem levar outros animais além da montaria (nota de Fisher).

⁴ Cinto largo de couro, com bolsos (nota de Fisher).

manga de pedras⁵» (p. 84) e destinava-se ao «pagamento de gados que ia levantar» (p. 84). Pelo caminho parara para descansar, fazendo «uma sesta morruda⁶» (p. 83), depois da qual «tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira⁷... E fui-me à água que nem capincho⁸!» (p. 83). Só ao chegar à estância onde deveria passar a noite se apercebe de que deixara a guaiaca com o dinheiro no local onde fizera a sesta. A memória surge de repente, precisa e carregada de emoção:

Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma última tragada, antes de entrar na água, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento...; tudo, vi tudo (p. 85).

Pelo caminho, no meio de «um silêncio grande, em tudo» (p. 86), o vaqueiro revela uma inesperada sensibilidade à paisagem, patente nesta bela descrição do pôr do sol:

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas (p. 86).

Outro elemento da paisagem que repercute sobre o ânimo da personagem é as Três Marias, isto é, o cinturão da constelação do Oríon:

Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar... Lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo, talvez; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três-Marias. Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo...; Deus o conserve!... sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!... (p. 86).

⁵ Como uma chuva de pedras (nota de Fisher).

⁶ Grande, larga (nota de Fisher).

⁷ Sonolência, cansaço (nota de Fisher).

⁸ Capivara (nota de Fisher).

Fundindo tempos e espaços diferentes, esta visão emocionada Blau, de um modo que não anda longe do sujeito de «As Três Marias» de Manuel Bandeira:

[...] *Sou poeta,
Dentro dalma levo,
Levo três estrelas,
Levo as Três Marias!* (Bandeira 1985, p. 289).

Chegado ao local onde deixara a guaiaca e não a encontrando, Blau conclui que não lhe resta outra saída que não seja o suicídio. Ocorre então a epifania, a partir dos elementos da natureza:

No refilão⁹ daquele tormento, olhei para diante e vi... as Três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!... Patrício! não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim aquela má tenção... (p. 88).

Abrindo os olhos a esta nova luz, o sujeito descobre-se um elemento mais de um mundo que considera ser uma criação de Deus, aceitando a fatalidade e desistindo do suicídio. E é assim que, uma vez vencido, alcança uma espécie de vitória: a guaiaca com o dinheiro estava à sua espera no regresso à estância, uma vez que tinha sido recuperada por um grupo de viajantes.

As duas narrativas de Simões Lopes Neto apresentam-nos pois duas concepções de solidão, ambas pertinentes e ambas atuais: a involuntária e duradoura, que resulta de um fenómeno coletivo e que tem que ver com o ordenamento do território e com a idade; e uma outra, não necessariamente voluntária, em que estamos sozinhos momentaneamente e nos voltamos para nós mesmos, percebendo então que não estamos sós porque fazemos parte de um mundo que vai muito para além de nós, e acabamos por desenvolver uma forma superior de compreensão. Hoje que abundam, pelo menos na Europa, os territórios vazios ou esvaziados (a designação parece ter começado em Espanha, mas o seu uso tem vindo a alargar-se) e as pessoas que se sentem de algum modo vazias ou esvaziadas por efeito de uma solidão duradoura, a literatura pode servir, não apenas de aviso, mas também de *pharmakon*, no duplo sentido de remédio e de veneno.

⁹ Lance difícil (nota de Fisher).

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Manuel, 1985. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

FREITAS, Angélica, 2021. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Companhia das Letras.

LOPES NETO, Simões, 2013. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Introdução, fixação de texto e notas por

Luís Augusto FISCHER. Porto Alegre: L&PM.

VELOSO, Rui, e Carlos TÊ, 1982. A gente não lê. Em: Rui VELOSO. *Fora de moda* [álbum]. Lisboa: Valentim de Carvalho.

VIEIRA, José Luandino, 1974. *Velhas estórias*. Lisboa: Plátano Editora.